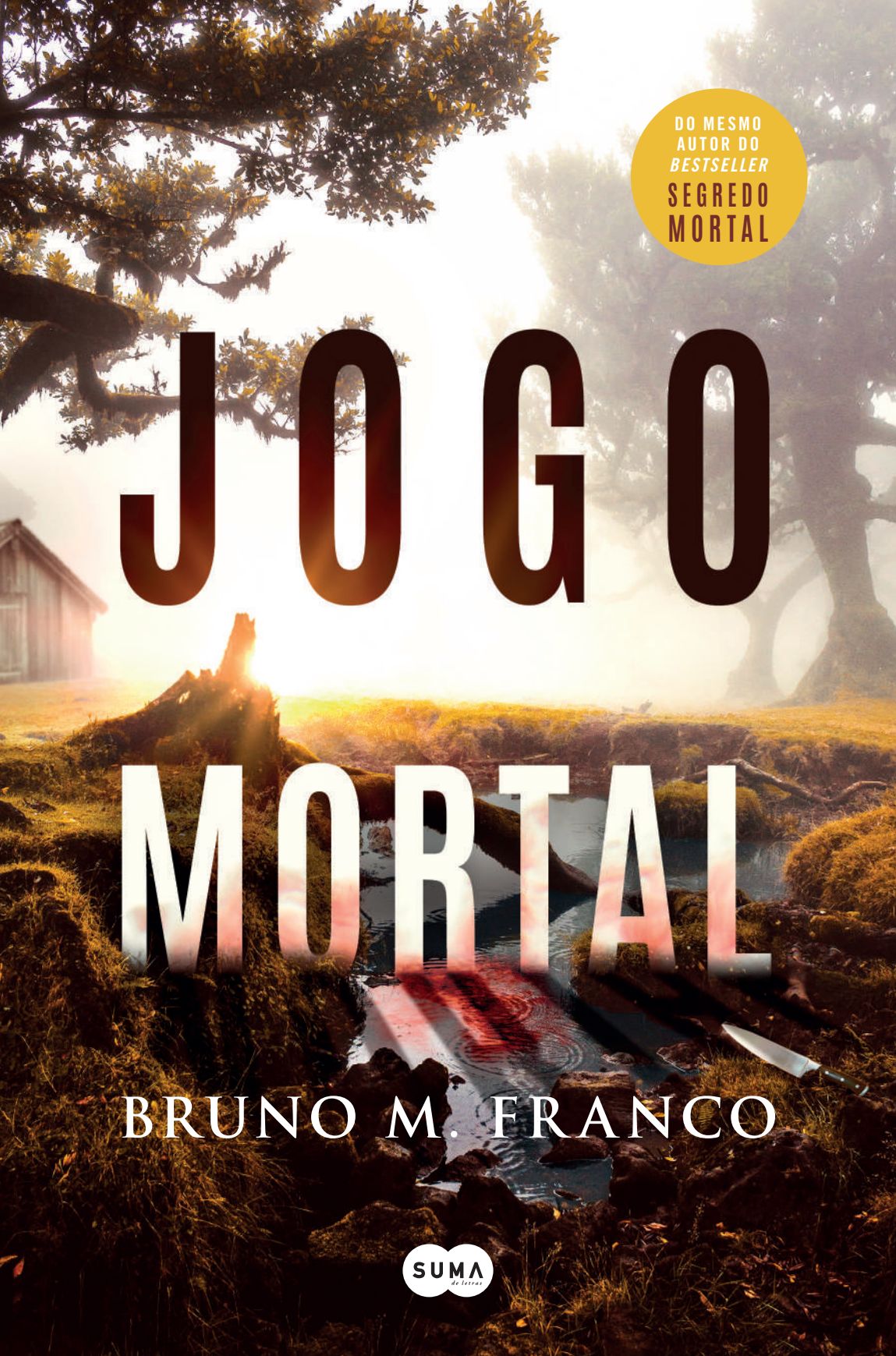
DO MESMO AUTOR DO
*BESTSELLER*
SEGREDO MORTAL
JOGO MORTAL
BRUNO M. FRANCO
SUMA de letras

*O vício é, basicamente, o amor pelo fracasso.*
Elfriede Jelinek

*Graças à sombra, apreciamos a luz;*
*graças ao vício, admiramos a virtude.*
Victor Hugo

*Não nos libertamos de um hábito atirando-o pela janela;*
*é preciso fazê-lo descer a escada, degrau a degrau.*
Mark Twain

**Aviso**

Todas as personagens deste livro são fictícias e alguns locais podem ter sido alterados simplesmente para benefício da narrativa. Caso existam semelhanças com pessoas reais, será pura coincidência.

# PRÓLOGO

A rapariga nunca pensara chegar a este ponto.

À sua frente, estava um corpo. Morto. Um cadáver.

Viu a vida esvair-se-lhe dos olhos enquanto ele gorgolejava o próprio sangue e perdia as forças, tombando no chão à sua frente. Um quadro ensanguentado pintado por si.

Na mão ela tinha uma faca. Coberta de sangue. Gotas grossas pingavam da ponta afiada. Uma poça começava a formar-se por baixo da cabeça do morto e ameaçava alcançar as sapatilhas da rapariga. Instintivamente, recuou um passo nervoso.

Mas... Não podia ser. Aquilo não estava a acontecer.

Pois não?

A rapariga levou as mãos à cabeça, manchando o cabelo dourado com o sangue ainda quente que escorria da faca.

O que acontecera?

Fechou os olhos e rolaram pela sua face lágrimas que criaram rios vermelhos nos salpicos que lhe tinham caído sobre a pele. Sentiu uma dor profunda. Uma dor fraturante. Nunca tinha sentido nada assim. Começou a chorar e a soluçar de pavor, mas tapou a boca com força. Não podia atrair as atenções. Não podia ser apanhada, ou iria tudo por água abaixo. O seu futuro dependia daquilo. A sua vida estava em jogo.

Mas...

Como chegara a esta situação? Como pudera ter assassinado uma pessoa?

Nunca, no seu perfeito juízo, faria tal coisa. O que acontecera, para o ter feito?

A resposta era simples, mas não era fácil. Tal como tudo na vida.

E, pelos vistos, na morte.

— O que fui eu fazer...? Não tive escolha... Não tive... pois não?

# UMA SEMANA ANTES

# CAPÍTULO 1
## HELENA

Chamava-se Helena, mas todos a tratavam por Lena.

Tinha quase dezanove anos e estava no décimo segundo ano. Encontrava-se a repetir o último ano do secundário, mas não por ser menos inteligente ou aplicada do que os outros. Isso não. Quando passara para o secundário, optara pela área de Línguas e Humanidades, mas as disciplinas de Geografia e História mataram o prazer de aprender. Por isso, no final desse ano, mudara para o curso de Ciências e Tecnologia na Escola Secundária Fernando Namora, na Brandoa, onde vivia. Esta nova área de estudos ajustava-se mais às suas pretensões académicas futuras.

No entanto, agora que ia já com dois meses de aulas, chegara à conclusão de que tinha sido uma perda de tempo trocar de curso. Sempre quisera seguir a área de Desporto; queria ser treinadora de uma modalidade que adorasse, como natação, voleibol ou basquetebol, mas a sua situação familiar levara-a a considerar, nas últimas semanas, abandonar a ideia de ir para a universidade e dedicar-se apenas a ganhar dinheiro para ajudar os pais. A mãe era caixa de supermercado num estabelecimento local e o pai fora despedido no verão. Trabalhava numa fábrica de plásticos e borracha, mas, devido a cortes orçamentais, fora um dos sacrificados. O novo patrão assim o quisera, para ter uma entrada marcante na empresa que fora do seu pai. O pai sempre fora machista e mandão, mas parecia ter piorado com o despedimento.

Helena e os pais viviam num apartamento alugado, com uma renda que não conseguiam pagar. As poupanças não chegariam para muito mais tempo e a rapariga receava pelo futuro. A sua melhor amiga, Vera, ainda lhe sugerira candidatar-se a uma bolsa

de estudo para perseguir o sonho na universidade; de certeza que iria conseguir. O problema era que continuariam a depender apenas e só do salário da mãe, ainda que Helena não desse despesa. O pai não parecia muito interessado em procurar emprego fixo. Recebia o subsídio de desemprego, mas gastava metade em bebida e tabaco, vícios que adquirira para afogar as mágoas e se esquecer do pesadelo financeiro em que viviam. O que sobrava dava apenas para a renda da casa. Tudo o resto era suportado com o salário mínimo da sua mãe. Ainda assim, o pai tinha começado a fazer uns biscates numa empresa de mudanças e ganhara algum dinheiro por fora na última semana. Menos mal. O problema seria manter essa pequena fonte de rendimentos.

Por tudo isto, Helena passou a sentir a obrigação moral de terminar o secundário e arranjar emprego. A mãe dissera-lhe que conseguiria arranjar-lhe um lugar no supermercado onde trabalhava. Sempre seriam dois salários fixos a entrar em casa. Aceitara a sugestão da mãe, mas por dentro chorava de desilusão por não ir realizar o seu sonho de ser treinadora.

No entanto, ainda teria todo aquele ano letivo para perceber o que aconteceria depois. Muita coisa podia mudar até ao próximo verão. Tinha esperança e era esse pensamento positivo que lhe dava energia e motivação para enfrentar mais um dia de aulas e de treinos.

Era segunda-feira, na segunda semana de novembro. Helena levantou-se às sete da manhã, tomou o pequeno-almoço e saiu de casa meia hora depois. Seguir-se-ia uma caminhada de vinte minutos até à escola.

Ao fundo das escadas do prédio, viu um jovem numa bicicleta a olhar para as caixas de correio no exterior, à procura de algo. Helena abriu a porta da rua e olhou por breves instantes para ele. Estava montado numa bicicleta de todo-o-terreno, tinha um capacete azul e roupa impermeável. Na mão, segurava uma ficha de póquer, igual às que eram usadas nos casinos. Era preta com riscas brancas na circunferência exterior.

— Bom dia — cumprimentou-a ele, com um sorriso um pouco envergonhado. Tinha uma barba rala e um olhar simpático.

— Bom dia — retribuiu Helena, continuando a andar, ligeiramente nervosa por ter sido abordada por um jovem tão bonito.

Ele, vendo que a rapariga continuara a caminhar, pedalou até a bicicleta acompanhar os passos dela.

— És a Helena Pinto?

Abriu os olhos de surpresa. Como sabia ele o seu nome? Que quereria ele saber? Contornaram uns caixotes do lixo e continuaram caminho. Como havia sempre carros estacionados do lado esquerdo, ela atravessou para o outro lado da estrada, para andar mais à vontade. Ele seguiu-a na sua bicicleta.

— Sim, sou. O que é que queres?

Estugou o passo. Não gostava de ser abordada por estranhos.

— Só quero entregar-te isto.

Helena deteve-se e olhou de lado. Viu o jovem com o braço esticado. Na mão, a tal ficha de póquer preta. Curiosa, pegou na ficha e agradeceu, mais por educação do que por se sentir agradecida. Ele deu meia-volta e pedalou para longe, desaparecendo de vista.

Intrigada, olhou para a ficha de póquer. Num dos lados tinha uma espécie de logótipo, constituído pelas letras JSL de uma forma estilizada, a vermelho, mas simples. Por baixo, dizia o seguinte:

«Quão forte é o teu desejo de fortuna?»

Virou a ficha. Do outro lado podia-se ler a seguinte frase, que completava a outra face da ficha:

«Inscreve-te e atreve-te a jogar. Não tens nada a perder.»

Por baixo, encontrava-se o *link* para o *site* da JSL.

O que seria a JSL?

Helena retomou a caminhada e sorriu ao pensar que aquilo podia tratar-se de um esquema de *spam*. Como aquela clássica burla em que recebemos um *e-mail* de um príncipe nigeriano que, subitamente, ficou sem acesso à sua fortuna e precisa da nossa ajuda, com dinheiro, para desbloquear as contas; como recompensa, ficaríamos com uma boa quantia dessa fortuna. Era tudo treta, claro, mas ainda havia muita gente que caía nessa lengalenga. Ela limitava-se a achar piada à pouca criatividade dos burlões e ria-se um pouco antes de eliminar os *e-mails*.

Mas aquela ficha de póquer fora-lhe entregue pessoalmente. Parecia ter sido enviada especificamente para si. Esse detalhe intrigava-a profundamente.

Foi isso que a levou a pegar no telemóvel, um *smartphone* de gama baixa, mas que lhe permitia executar as ações mais básicas dos telemóveis da atualidade. Acedeu à *internet* e escreveu o endereço do *site* da JSL enquanto prosseguia a caminhada que já sabia de cor, de tantas vezes a fizera nos últimos anos. Até vendada ela faria o caminho casa-escola sem qualquer percalço. No pequeno ecrã do telemóvel, a página estava a carregar lentamente, mas acabou por surgir o logótipo igual ao da ficha, com o mesmo *slogan*.

A diferença é que, por baixo, tinha uma frase emoldurada por um retângulo vermelho.

«Queres ganhar uma fortuna? Clica aqui.»

Helena ponderou carregar no botão, mas hesitou, pairando uns segundos com o indicador a milímetros da tela do telemóvel. Deveria arriscar? O mais certo era que aquilo fosse tentativa de *phishing*. Mas… e se não fosse? A ficha fora-lhe entregue diretamente. Escolheram-na a ela. Não fora ao calhas. Não fazia mal nenhum…

— Lena!

A voz da melhor amiga interrompeu os seus pensamentos e fê-la bloquear o telemóvel e guardá-lo no bolso das calças de ganga. Voltaria àquele assunto mais tarde, quando tivesse tempo.

— Olá! Como é que estás?

Vera era uma rapariga pequena e redonda. Tinha umas feições de menina e uns olhos azuis profundos. Era muito animada e sempre cheia de expectativas em relação a tudo. Era uma onda de positivismo muito boa que Helena apreciava ainda mais agora, que a sua família passava por uma fase delicada.

— Estava a fazer-te sinal há dois minutos, mas tu não tiravas os olhos do telemóvel, caramba! Com quem estavas a falar?

— Eu? Com ninguém, estava só a ver o Instagram, mais nada — respondeu, sentindo o rosto ficar corado. Não lhe era fácil mentir, muito menos à melhor amiga, mas não lhe queria falar da JSL, fosse o que isso fosse. Precisava de descobrir aquilo sozinha.

— Cá por mim estavas a falar com o Diogo.

— Com o Diogo?!

— Sim, ele está caidinho por ti. Toda a gente sabe, Lena! Nem venhas com coisas.

Helena riu-se do surreal que era imaginar um tipo como o Diogo Vaz, o rapaz mais popular da turma, estar interessado nela. Não que ela não estivesse à altura dele, porque sabia que era bonita, com o seu cabelo loiro e olhos cor de avelã. O seu corpo esguio e seco de nadadora parecia frágil, mas não era. Apesar de ter os seios pequenos demais para o que gostaria, tinha pernas esculturais trabalhadas pelo voleibol. Sabia que não ficava em nada atrás dele, mas Diogo tinha uma maneira de ser que atraía toda a gente. Ela não. Ela era mais tímida. Com a conversa sobre rapazes até chegarem à escola, não pensou mais na ficha de póquer da JSL. Esqueceu-se completamente do assunto.

Mas ela sabia que iria lá voltar.

# CAPÍTULO 2
## HELENA

A manhã correu bem. Por pouco não adormeceu em Matemática, mas, tirando isso, fora uma manhã muito produtiva. Almoçou com os colegas na cantina da escola e estiveram na conversa um bom bocado depois. Realmente, Diogo parecia interessado nela, rindo-se das piadas muito más que ela fizera e mostrando-se interessado em coisas banais que ela dissera. Ninguém, no seu perfeito juízo, acharia tanta piada. Ficou excitada com essa atenção, mas limitou-se a desfrutar dela, sem dar sinais de reciprocidade. Não iria fazer figuras tristes por causa de um rapaz. Era o que faltava. Ele que se esforçasse por ela.

A melhor parte de estar no último ano do secundário era a carga horária ser inferior à dos anos anteriores, pelo que ela tinha apenas aulas até ao almoço. Todas as tardes eram livres. Livres de aulas, entenda-se. Porque, na verdade, ela nunca tinha tardes livres. Tinha treinos de voleibol todos os dias, no seu clube na Amadora. Pertencia a uma equipa que competia na primeira divisão. Estavam em quinto lugar, a dez pontos do primeiro classificado. Mas era intenção dela e da sua equipa chegar ao topo este ano.

Chegou a casa muito bem-disposta, mas ficou alerta assim que fechou a porta atrás de si, absorvendo o ambiente. Normalmente, ninguém estava em casa àquela hora. No entanto, ouviu a televisão na sala e alguém a arrotar.

Parecia ser o pai.

Avançou pelo pequeno corredor até entrar na sala. O pai estava sentado no sofá em frente à televisão a beber diretamente de uma garrafa de vinho tinto. A garrafa estava quase no fim e pairava um cheiro a tabaco no ar que não era habitual. O pai nunca fumava em casa.

— Olá, pai — cumprimentou-o, um pouco receosa. — Está tudo bem?

Ele olhou para ela, as pálpebras semicerradas, como se estivesse prestes a adormecer.

— Achas que está tudo bem, foda-se? Que merda de pergunta é essa? Estou a ver que ficas cada vez mais burra naquela escola. Mais vale desistires e arranjares emprego. Os estudos não servem para nada, são só para ocupar o vosso tempo e gastar o nosso dinheiro.

Helena inspirou fundo. Odiava a mentalidade retrógrada do pai. Para ele, devíamos estudar até ao quarto ano, para aprender o essencial, e depois era seguir logo para um emprego. Não percebia a importância da educação, de como um país mais instruído se tornava mais evoluído e com melhores condições de vida para todos.

— Aconteceu alguma coisa, pai?

— Porque perguntas isso?

— Não é normal estares em casa. É só por isso.

— Fui despedido novamente.

— Da empresa de mudanças?

— Claro. Havia de ser de onde, porra?

Ela pousou a mochila no chão e sentou-se ao lado do pai. Pousou a mão no seu antebraço peludo e grosso.

— O que aconteceu?

— O que achas? Deixei cair uns quantos móveis numa mudança esta manhã e eles ficaram logo todos ressabiados, como se fosse fácil levar aqueles armários enormes e maciços. Podia ter acontecido a qualquer um.

*A qualquer um que tivesse álcool a mais no sangue.*

— Vai correr tudo bem, pai. Tenho a certeza de que hás de arranjar outra coisa. Tens é de ir à procura. Ficares aqui não vai adiantar de nada. Deixa-me ajudar-te.

Pegou na garrafa de vinho para a retirar da mão do pai, mas este empurrou-a, atirando-a de volta ao sofá. Sentou-se direita e olhou com raiva para o pai.

— A beberes assim é que nunca vais arranjar emprego.

O pai lançou-lhe um olhar furioso, que lhe arrepiou a pele.

— O que é que disseste, caralho?

Ela sabia que era uma questão de tempo até o pai se tornar violento. Com a mentalidade que tinha, aliada à fúria por ter sido despedido depois de décadas a trabalhar para aquela empresa, mais o álcool que ele bebia diariamente, era inevitável. Todos estes fatores deixaram-na de sobreaviso. Helena levantou-se cautelosamente.

— Falamos depois, pai. Vai correr tudo bem.

— Vai, vai. Achas que está fácil arranjar emprego?

*Se deixasses de beber, seria mais fácil*, pensou.

— Não é fácil, mas não é impossível. Pode ser que no supermercado da mãe surja uma vaga, nem que seja para repositor. Já era alguma coisa.

Ele abanou a cabeça e levantou a garrafa novamente. Bebeu dois longos goles. Limpou a boca ao antebraço e olhou para a filha como se ela fosse muito burra.

— Ainda és muito nova. Para ti, a vida é muito fácil. A culpa é desses filmes e livros da treta em que é tudo cor-de-rosa e corre sempre tudo bem. Mas a vida não é assim. É difícil como a merda.

Helena olhou para o corredor, pensando que devia arrumar a mala do treino e sair de casa. Ainda que faltassem algumas horas. Não queria estar ali.

— Sabes o que vai acontecer, se eu não arranjar emprego?

Voltou a olhar para o pai, que sorria com uma satisfação que a enojou.

— Não.

— Não vamos ter forma de pagar o teu querido voleibol. Ou arranjas um emprego em *part-time*, ou deixas o voleibol. Não podemos suportar a mensalidade nem os extras com as deslocações e os equipamentos. Era o que faltava, eu sem emprego e tu a esbanjares dinheiro na merda do voleibol que não serve para nada. Ainda

se te pagassem para jogares por eles, mas não! Tu é que tens de pagar para lá estar, não faz sentido.

Helena fechou as mãos em punhos raivosos. Odiava que o pai desvalorizasse o desporto daquela forma. Só quem o praticava é que compreendia plenamente, mas seria assim tão difícil perceber como o desporto construía um caráter e ensinava a trabalhar em equipa? Além disso, tinha-lhe dado grandes amizades, pelas quais dava tudo. Sangue, suor e lágrimas. Era tudo verdade. Mas o pai só via o dinheiro que se gastava. Era triste, mas não ia ter aquela discussão pela milésima vez. Decidiu mandar um bitaite que o entretivesse a reclamar sem dar pela sua ausência.

— A culpa disto tudo é do teu ex-patrão lá da fábrica.

— É verdade, se não fosse esse cabrão, não estaríamos com estes problemas. — O seu olhar espelhou uma raiva mortífera. — Se eu pudesse, matava esse filho da mãe para aprender a não ser um cabrão de primeira. Era só darem-me a oportunidade. Por culpa dele estou sem emprego, corremos o risco de ficar sem casa e tu vais deixar o voleibol e a escola. A culpa…

— Eu não vou deixar o voleibol.

Ele calou-se. Helena arrependeu-se de ter falado. Era para o ter deixado resmungar enquanto ela saía de mansinho. Mas não se contivera.

Miguel Pinto pousou a garrafa de vinho no chão, ao lado dos pés, e levantou-se lenta e ameaçadoramente.

— O que é que disseste? — perguntou com calma, enquanto crescia para ela.

Helena engoliu em seco e ergueu o queixo, para parecer mais alta e para o desafiar.

— Nem penses que vou deixar o voleibol. É das poucas coisas que me dá prazer e não me podes tirar isso.

No momento seguinte estava no chão, com a face direita a escaldar com a estalada que o pai lhe dera.

— Tu fazes o que eu mando e acabou, ouviste? Não comeces a desafiar-me, senão faço a tua vida num inferno! Não vais para

o voleibol e acabou! Aproveita o mês de novembro que já está pago, porque em dezembro já foste. Ponto final!

Helena começou a chorar. Odiou-se por isso, mas a face ardia imenso e sentia uma raiva gigante, que extravasou em lágrimas. Não conseguia controlar as emoções desesperadas.

— Vai chorar para longe daqui, não tenho paciência para choraminguices. Vai chorar para junto do meu ex-patrão. Pode ser que ele mude de ideias e me devolva o emprego. Sim, porque isto é culpa dele. Eu sou uma vítima no meio disto tudo!

**Uma jovem com poucas perspetivas de futuro recebe uma ficha de póquer com uma mensagem misteriosa:**

**«QUÃO FORTE É O TEU DESEJO DE FORTUNA?»**

**Do outro lado, um desafio:**

**«INSCREVE-TE E ATREVE-TE A JOGAR. NÃO TENS NADA A PERDER.»**

O que ela não sabia era que, ao aceitar, se veria enredada num dos jogos mais doentios e mortais de sempre. Quando começam a aparecer pessoas assassinadas, os inspetores da PJ Leonardo Rosa e Marta Mateus são chamados a investigar. O que descobrem é muito maior e mais complexo do que tinham imaginado e deparam-se com uma questão impossível:

**QUAL O PREÇO DE UMA VIDA HUMANA?**

Neste segundo livro da saga *Mortal*, os inspetores preferidos dos leitores portugueses voltam a trabalhar juntos, ao mesmo tempo que têm de lidar com o que sentem um pelo outro. Leonardo, viúvo, começou a ver a colega, a inveterada solteira Marta, de uma forma diferente. Conseguirão eles ultrapassar todas as mágoas do passado e trabalhar rapidamente para impedir mais mortes? Uma coisa é certa: nada será como dantes.

**ATREVE-SE A LER?**
**QUE A SOBREVIVÊNCIA ESTEJA DO SEU LADO.**

Penguin Random House Grupo Editorial
penguinlivros.pt
penguinlivros
sumadeletrasportugal
ISBN 9789897846083